



# Pastoral Litúrgica

Diocese da Campanha - MG

## OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES: INTRODUÇÃO

Ir. Penha Carpanedo, pddm  
*Rede Celebra*

### 1) O QUE É O OFÍCIO DIVINO?

#### 1.1 Retrato de uma comunidade em oração



São seis horas da tarde. O sol já se pôs e a noite vem vindo. A capelinha onde a comunidade costuma se reunir, bem limpa, arrumada com flores, está de portas abertas... Uma a uma, as pessoas estão chegando, cansadas das atividades do dia, desejosas de um momento de descanso... Entram e, na penumbra do ambiente, à luz da vela, se recolhem em oração...

Preparam-se para celebrar o Ofício da tarde.

Lentamente um refrão se faz ouvir, a comunidade adere e, aos poucos, recolhe-se em um profundo silêncio... Maria José se levanta e de dentro desse silêncio, sem qualquer comentário, entoando os versos da abertura; a comunidade escuta e repete a uma só voz, expressando a unidade do Corpo de Cristo, em diálogo com o Pai, fazendo memória da entrega de Jesus ao cair da tarde.

Terminada a abertura, as pessoas são convidadas a trazerem recordações do dia que passou. Alguém se lembra de dona Maria que está hospitalizada; outras lembranças se sucedem... até que a coordenadora chama para cantar o hino da tarde: "Lenta e calma sobre a terra, desce a noite, foge a luz, vem brilhar em nossas trevas, vem conosco bom Jesus". Depois, segue-se o salmo 30(29), cantado em dois coros: "Senhor, grandes coisas direi eu de ti". Nele a comunidade se une a Jesus, para dar graças ao Pai pela vitória pascal na sua ressurreição e na vida do mundo. Após o salmo, faz-se um breve silêncio para deixar as palavras ressoarem no coração... Só então, enquanto os cantores entoam a aclamação, um jovem se levanta e vai à estante, proclama o evangelho do dia e as pessoas escutam atentamente, meditando por algum tempo. Maria José convida para o cântico de Maria, depois para as preces, o pai-nosso e, por fim, pronuncia a bênção e despede a assembléia.

Experiências como essa são cada vez mais freqüentes em nossas comunidades. Trata-se de uma celebração comunitária no ritmo das horas segundo a proposta do Ofício Divino das Comunidades. Talvez você mesmo (a) que nos acompanha nestas páginas já tenha participado de um Ofício assim, ou quem sabe tenha o hábito de rezá-lo individualmente ou na comunidade.

Mas o que é mesmo o Ofício Divino? De onde vem? Por que e quando celebrá-lo? E como introduzi-lo nas comunidades?

Eis o que queremos aprofundar nas páginas que seguem.

#### 1.2 Ofício Divino: serviço do povo e serviço de Deus

Ofício Divino refere-se à tradição da Igreja de celebrar em determinadas horas do dia, especialmente de manhã e à tarde. É chamado também Liturgia das Horas.

O nome "Liturgia das Horas" ou "Ofício Divino" indica que se trata de uma ação. O termo liturgia é derivado de duas palavras gregas: *laós*, que quer dizer povo, e *ergon*, que significa ação, ofício, trabalho, obra, serviço'. Podemos dizer que todo serviço que realizamos para melhorar o mundo é uma liturgia, um Ofício Divino; mais ainda se o fazemos em comunhão com Jesus Cristo, em obediência à vontade do Pai, deixando-nos conduzir pelo Espírito, como fez Jesus. Contudo, como seres humanos, temos necessidade de expressar em linguagem simbólica e ritual o conceito do que somos, cremos e fazemos.

Nesse sentido, o Ofício Divino é trabalho comunitário de dar graças ao Pai, como Corpo de Cristo e em nome de Jesus, por meio de salmos e cânticos bíblicos, hinos, leituras bíblicas, orações, ações simbólicas, música... É confirmação de nossa adesão a Deus, renovando nosso compromisso com sua obra no mundo.

Mas Ofício Divino não é apenas nossa ação em relação a Deus. É também "obra de Deus" a nosso favor. Não somos nós que vamos a Deus por primeiro; é ele que vem a nós e toma a iniciativa de nos reunir e de fazer conosco uma aliança. Ele mesmo coloca em nossa boca as palavras da nossa oração. Então a obra é mais dele do que nossa. Por isso, não apenas falamos, mas escutamos com toda nossa atenção e respondemos acreditando que o Espírito de Deus realiza em nós aquilo que nossa ação significa. Enquanto fazemos nossa parte, Deus efetiva em nós o seu trabalho operando a santificação, "moldando-nos" conforme o agir de Jesus.

## 2) CONHECENDO MELHOR O RITO

No Ofício Divino, elementos comuns a outras celebrações são organizados de modo peculiar, em função da finalidade própria do Ofício. No Ofício Divino das Comunidades (ODC), esses elementos estão assim relacionados: chegada e, em seguida, versos da abertura; a recordação da vida e o hino; um ou dois salmos; uma leitura bíblica e a meditação; cântico evangélico; preces, pai-nosso e a bênção final. Trata-se de uma maneira regular e costumeira de fazer a celebração que permite à comunidade ter domínio sobre a seqüência dos elementos e a quem coordena, segurança e desembaraço em seu ministério.



### 2.1 Chegada e abertura

A celebração comunitária sem oração pessoal seria, na expressão de São João Crisóstomo, como colocar incenso em carvão apagado. Por isso, o primeiro elemento do Ofício é a *chegada*: um tempo de silêncio e quietude para que a pessoa possa abraçar o coração e colocar-se "inteira" na presença do Senhor, numa atitude de reverência, mente e coração atentos, como condição para participar da ação comunitária. Esse momento inicial aponta para outros espaços de silêncio ao longo do Ofício (depois de cada salmo, da leitura, entre um elemento e outro...), que ajudam cada pessoa a participar interiormente da oração comum.

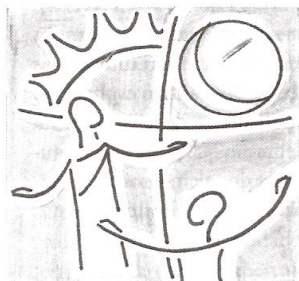
Na chegada é bom manter as luzes do ambiente reduzidas e evitar ruídos de qualquer tipo. Pode ser útil também um refrão meditativo, repetido várias vezes, para criar o silêncio e centrar a atenção.

A pessoa que coordena se põe de pé e, sem fazer qualquer convite ou comentário, entoia os versos da abertura repetidos pela assembleia. No Ofício da manhã, o primeiro do dia, pedimos que Deus mesmo venha abrir nossa boca para o louvor: "Estes lábios meus, vem abrir, Senhor..." (cf. Sl 51[50],17). O segundo verso, "Venham, adoremos...", nos situa no sentido da celebração (em relação à hora, ao tempo litúrgico ou à festa). Os versos seguintes, de um salmo de convite ao louvor, vão progressivamente nos introduzindo ao diálogo da aliança com Deus, em Jesus Cristo. A abertura termina com o "glória-ao-Pai", invocando a Trindade, e uma saudação final. Esta é a estrutura de todas as aberturas do Ofício da manhã e podemos identificá-la no exemplo que segue, do domingo:

- Estes lábios meus, vem abrir, Senhor, (bis)  
cante esta minha boca sempre o teu louvor! (bis)
- Venham, adoremos, Cristo ressurgiu! (bis)  
A criação inteira o Senhor remiu. (bis)
- Venham, canto novo ao Senhor cantar, (bis)  
seu nome, ó terra inteira, venham celebrar! (bis)
- Dia após dia, cantem sua vitória, (bis)  
proclamem entre os povos todos sua glória! (bis)
- Nada são os grandes, tudo é ilusão, (bis)  
quem fez os céus merece nossa louvação. (bis)
- Em seu santuário só se vê beleza, (bis)  
tragam-lhe as oferendas de nossa pobreza! (bis)

- Céus e terra dancem de tanta alegria, (bis)
- Deus, com sua justiça, nos governa e guia! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
- Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis)
- Povo de sacerdotes, a Deus louvação. (bis)

No Ofício da tarde a abertura começa com o verso "Vem, ó Deus da vida..." (cf. Sl 70 [69], 2), seguido do "glória-ao-pai" e da saudação "aleluia, irmãos", mais um verso sapiencial (aludindo ao sentido da hora). O exemplo que segue é do dia da semana do tempo comum:



- Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar!
- Vem, não demores mais, vem nos libertar!
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
- Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito. (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis)
- Do povo que trabalha, a Deus louvação! (bis)
- O Senhor te guarde, ele é teu vigia, (bis)
- quem te garante a noite e governa o dia! (bis)

O Ofício de vigília tem elementos próprios: salmo 117(116), seguido de versos para o acendimento das velas e a oferta do incenso, repetindo-se como nas demais aberturas o "glória-ao-Pai" e a saudação final.

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar!
- Ao Deus do universo, venham festejar!
- Seu amor por nós, firme para sempre, (bis)
- sua fidelidade dura eternamente. (bis)
- (Acendem-se velas.)*
- Para ti, Senhor, toda noite é dia, (bis)
- a escuridão mais densa logo se alumia. (bis)
- És a luz do mundo, és a luz da vida,
- Cristo Jesus resplende, és nossa alegria!
- (Oferta-se incenso ou ervas cheirosas.)*
- Suba nosso incenso a ti, ó Senhor! (bis)
- Este louvor pascal, oferta de amor. (bis)
- Nossas mãos orantes para os céus subindo, (bis)
- cheguem como oferenda ao som deste hino! (bis)
- (Terminando a oferta.)*
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
- Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito. (bis)
- Aleluia, irmãs, Aleluia, irmãos! (bis)
- Povo de sacerdotes, a Deus louvação. (bis)

O sentido teológico destas aberturas já é dado pelas palavras iniciais: "Estes lábios meus, vem abrir Senhor; vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar...". Expressam que na Aliança a iniciativa é de Deus e que não podemos dizer "Pai" se ele mesmo não vem em socorro de nossa fraqueza (cf. Rm 8,26). No Ofício de vigília, as palavras do salmo "Venham ó nações, ao Senhor cantar..." alargam o horizonte da nossa oração convidando-nos a louvar com todos os povos e culturas. O rito da luz evoca a memória de Jesus em sua passagem das trevas para a luz e a oferta do incenso é expressão do nosso louvor pascal no início do domingo.

A forma de repetição permite o diálogo entre quem preside e a assembléia, num duplo movimento de cantar e escutar, de falar e deixar que o Espírito sopra em nós o louvor de Deus e realize a santificação. O fato de repetir dispensa o papel, ajudando a central' a atenção nas palavras, na melodia e nos gestos, e tem a vantagem de incluir as pessoas que não têm acesso à leitura escrita.

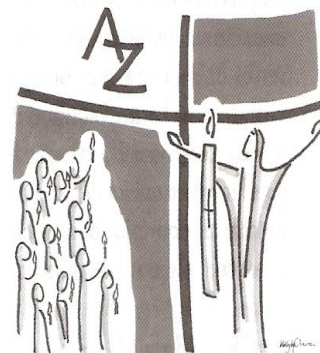
Quanto à melodia, a inspiração original veio inicialmente do tradicional Ofício de Nossa Senhora, muito enraizado na piedade do povo em algumas regiões do Brasil. Essa proximidade com a piedade popular dá às aberturas estilo afetuoso e piedoso que encontra no coração do povo ressonância e aceitação imediatas. Outras melodias foram aparecendo. Como a métrica do texto é a mesma em todas as aberturas, podem ser cantadas com

uma única melodia. Todavia, é bom diferenciar uma melodia festiva de uma melodia mais adequada para os dias comuns da semana ou para um determinado tempo litúrgico. Recomenda-se que sejam cantadas de forma livre, sem instrumento.

## 2.2 Recordação da vida

O *Ofício Divino das Comunidades* introduziu, depois da abertura, o momento da "recordação da vida" para explicitar a relação entre o mistério celebrado e os acontecimentos da vida. Parte-se do princípio de que liturgia não celebra idéias, celebra fatos. É memória da Páscoa do Cristo acontecendo em nossa realidade.

Na verdade a vida está "latente" em toda a celebração, a partir da experiência que cada pessoa vive e traz consigo; não precisa ser verbalizada em cada momento da oração. Yves Leloup lembra que "o corpo é cheio de memórias...".<sup>1</sup> Às vezes é a palavra do salmo ou do hino que desperta a nossa memória; outras vezes, a penumbra, um gesto, uma música e até o silêncio... Mas há na liturgia momentos em que mostramos claramente os sinais da Páscoa acontecendo na nossa própria vida, na vida de outras pessoas, da comunidade, do povo em geral e do mundo. Fazemos isso na meditação, nas preces e, sobretudo, na recordação da vida em que lembramos fatos significativos que são sinais do Reino presente em nossa realidade, ou acontecimentos que se opõem ao Reino e pedem uma transformação.



O nome "recordação da vida" sugere um trazer de volta ao coração, em atitude de contemplação, como Maria que "conservava cuidadosamente todos os fatos e os meditava em seu coração" (Lc 2,19; cf. Lc 2,51); ou como os discípulos de Emaús que expressaram toda a tristeza do coração por causa do que viram acontecer em Jerusalém nos dias da morte de Jesus (cf. Lc 24,13-35); ou ainda como Pedra e João, libertos da prisão, relatando à comunidade tudo o que lhes acontecera (cf. At 4,23-31). É um trazer de volta ao coração para discernir, com a ajuda do Espírito, os desígnios de Deus na trama da história humana.

A recordação da vida não é prece, nem compromisso, nem "intenção". Tem mais o perfil de relato. Em uma pequena assembléia pode ser feita de maneira informal, em tom de conversa... Em uma grande assembléia é possível ser preparada antes e apresentada pela equipe, ou feita em forma de conversa dois a dois... Na memória de um mártir, ou de um santo, partilham-se aspectos da sua vida, de como ele ou ela deu testemunho de Jesus. No Ofício da noite, no lugar da "recordação da vida" costuma-se fazer uma "revisão do dia", em clima penitencial e de reconciliação com Deus e entre irmãos. A recordação da vida não é um momento isolado, mas desdobra-se ao longo da celebração: no salmo, nos momentos de meditação e nas preces.

## 2.3 Hino

Os hinos não são textos bíblicos, mas sim composições da Igreja, de natureza poética, destinados ao louvor de Deus. Colocados logo depois da recordação da vida, têm a finalidade de introduzir a assembléia no sentido da celebração; expressam, quase sempre mais que os outros elementos do Ofício, o sentido peculiar da hora, do tempo e das festas.

No Ofício Divino das Comunidades, recolheu-se do repertório produzido depois do Concílio o que melhor atendesse aos critérios de adequação à hora, ao tempo e às circunstâncias especiais; que fossem orantes, poéticos e até proféticos, no sentido de ligarem o mistério celebrado à luta do dia-a-dia. Foram valorizados alguns hinos da antiga tradição da Igreja, em versão popular, e outros pertencentes ao repertório do catolicismo popular.

Tomemos como exemplo o antigo hino "Luz radiante", na versão de Reginaldo Veloso, indicado para a vigília do domingo no tempo comum. Vejamos como este hino está profundamente relacionado com a hora e como pode nos ajudar a mergulhar no mistério de Cristo na vigília do domingo.

Luz radiante, luz de alegria, luz da glória, Cristo Jesus! (bis)  
És do Pai imortal e feliz o clarão que em tudo reluz!  
Quando o sol vai chegando ao ocaso avistamos da noite a luz!  
Nós cantamos o Pai e o Filho e o Divino que nos conduz!  
Tu mereces o canto mais puro, ó Senhor, da vida és a luz!

<sup>1</sup> LELOUP, Jean-Yves. *Além da luz e da sombra*. Petrópolis, Vozes, 2002. PP. 79-80.

Tua glória, ó Filho de Deus, o universo todo seduz!  
Cante o céu, cantem a terra e os mares, a vitória, a glória da cruz!

Este hino, conhecido também como "Luz alegre", mais antigo do que o "glória-ao-pai",<sup>2</sup> acompanhava o acendimento da lâmpada no Ofício da tarde. Embora haja no meio do hino uma doxologia dirigida à Trindade, trata-se de um hino cristológico, com dois temas dominantes: a luz e a glória.

O ambiente cósmico no qual cantamos este hino é a noite, imagem que evoca o caos primitivo e a hora de Jesus, as trevas do mundo atual e a nossa própria escuridão... "Quando o sol vai chegando ao ocaso", na luz da lâmpada contemplamos o reflexo da glória do Pai (cf. Hb 1,3), Jesus Cristo, ressuscitado, "darão em que tudo reluz".

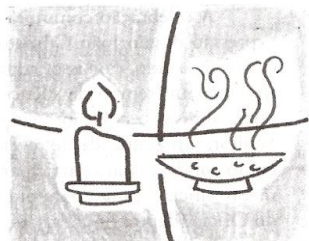
A melodia simples e bonita, tirada do nosso universo musical, "casa" com a letra, expressando todo o seu sentido teológico e espiritual no contexto da vigília do domingo em que bendizemos a Deus pela manifestação de sua glória em Jesus e em nossa própria vida.

#### 2.4. Salmos e cânticos bíblicos

Os salmos constituem parte essencial no Ofício Divino, Palavra de Deus cantada e meditada. No Ofício Divino das Comunidades temos 110 salmos, quase todos rimados e com melodia brasileira, distribuídos em quatro semanas, um ou dois em cada Ofício. Além dos salmos, há cânticos tirados de outros livros do Antigo Testamento, indicados para o Ofício da manhã. E há os cânticos do Novo Testamento, do livro do Apocalipse, das cartas de Paulo e de Pedro, indicados para o Ofício da tarde.

Os salmos são uma "escola de oração" que nos situam no diálogo da Aliança em que Deus se revela como o Deus libertador, atento ao grito dos que sofrem, severo com o orgulho dos prepotentes, comprometido com a sorte dos pequenos e fracos. Um Deus que escuta e intervém, que caminha com seu povo e age em seu favor. Nessa relação de aliança o povo responde agradecendo, demonstrando confiança, cantando suas vitórias, reconhecendo sua miséria, contando diante de Deus a própria história. Por isso aparecem nos salmos vestígios de épocas e fatos que marcaram a trajetória do povo de Deus, como o êxodo, o exílio, a volta do exílio... Há também vestígios de experiências pessoais, como, por exemplo, no salmo 30 (29), que traz a memória de alguém que passou pelo fundo do poço e fez disso uma experiência pascal. Com o tempo este salmo se tornou expressão da coletividade. De fato percebemos nos salmos esse movimento que vai do particular ao universal e vice-versa. O "eu" do salmo pode ganhar dimensão coletiva e o "nós", incluir a experiência de cada indivíduo.

Na tradição cristã o salmo é sempre rezado a partir de Jesus, "o grande cantor dos salmos", na expressão de santo Agostinho. As comunidades cristãs aprenderam desde o início a identificar na voz do salmista a voz do próprio Cristo e a considerar cada salmo como uma profecia da sua vida. A *Sacrosanctum Concilium* lembra que, quando a Igreja ora e salmo dia, é Cristo quem ora e salmo dia na Igreja (cf. SC, n. 7); e a Instrução Geral recomenda prestar atenção à relação que existe entre o salmo e Jesus: "Quem salmodia em nome da Igreja deve prestar atenção ao sentido pleno dos salmos, especialmente ao sentido messiânico, em virtude do qual a Igreja adotou o saltério" (IGLH, n. 109).



Com essa chave é que os salmos foram distribuídos ao longo dos Ofícios: salmos próprios da manhã; salmos da tarde; salmos do domingo; salmos para um determinado tempo litúrgico... Não escolhemos os salmos de acordo com nossos sentimentos pessoais. Aceitamos o que nos é dado cada dia; e, reconhecendo neles a voz de Cristo, "deixamos que os salmos venham ditar os nossos sentimentos" (ODC, p. 22). Unindo-nos a Jesus Cristo, alargamos nosso olhar para além de nossa fronteira individual a fim de orar como Igreja, como corpo de Cristo.

A base dessa identificação com Jesus e com a Igreja é a experiência de cada pessoa. João Cassiano, um monge do século V, lembra que a pessoa assimila os sentimentos dos salmos não tanto pelo conhecimento vindo de alguma explicação, mas por ter experimentado na própria vida aquilo que está escrito no salmo.<sup>3</sup> No Ofício, recomenda-se acompanhar cada palavra com a mente e o coração atentos (cf. SC, n. 90), a percorrer versículo por versículo, meditando um após outro, sempre disposto no coração a responder como exige o Espírito que inspirou o salmista e assistirá igualmente as pessoas devotas, dispostas a receber a sua graça (IGLH, n. 104).

Cada salmo vem acompanhado de expressões rituais que ajudam a comunidade a fazer dele a sua oração, em Cristo e na Igreja: a introdução que situa o salmo em seu contexto de origem; a frase, em geral do Novo

<sup>2</sup> Foi encontrado num manuscrito do século II ou III. Cf. *Antologia litúrgica*, Coimbra, 2003, p. 315.

<sup>3</sup> CASSIANO, João. *Conferências*, 9.

Testamento, conferindo ao salmo um sentido de louvor cristológico; a doxologia final acrescentando a dimensão trinitária; a antífona ou refrão acentuando alguma frase do salmo ou conferindo matiz conforme o tempo ou memória especial. A forma de salmodiar alternando em dois coros favorece a escuta e expressa o diálogo da aliança entre Deus e o seu povo, entre Cristo e a comunidade.

Terminado o salmo, é indispensável um tempo de silêncio para deixar que a Palavra ressoe no íntimo de cada pessoa e manifeste sua força transformadora pela atuação do Espírito Santo.

Quem está coordenando pode concluir com uma oração espontânea, do tipo coleta, conhecida na tradição como "oração sálmica".

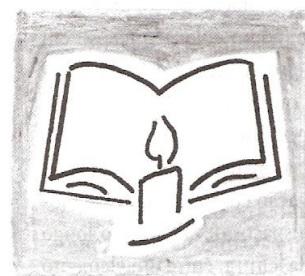
É uma oração que retoma algum aspecto do salmo ligando-o com o mistério de Cristo e com a vida da comunidade. A título de exemplo, essa é a oração para concluir o salmo 30(29):

*Deus, Senhor da vida e da morte, não permitistes que vosso Verbo fosse reduzido ao silêncio do sepulcro, mas quisestes que, depois da noite de sua paixão, ele exultasse em gritos de alegria na manhã da ressurreição.*

*Tende compaixão de nós e não permitais que desçamos para sempre ao pó, mas levantai-nos de entre os mortos para que, com vosso Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, possamos cantar vosso louvor pelos séculos dos séculos. Amém<sup>4</sup>.*

## 2.5 Leitura bíblica e meditação

A maior parte dos textos usados no Ofício Divino é tirada da Bíblia ou inspirada em textos bíblicos: são salmos e cânticos bíblicos, responsos, aberturas, antífonas, refrãos meditativos. E há também leituras bíblicas. Por isso, podemos dizer que o Ofício Divino é Palavra de Deus cantada, proclamada, escutada, atualizada, assumida. O Espírito Santo faz do texto antigo uma palavra viva e atual nas circunstâncias da vida pessoal e comunitária em diferentes contextos social e cultural. Sendo assim, durante o Ofício, Bíblia e vida vão se interpretando mutuamente e tornando-se meditação e oração no diálogo com o Senhor.



Para a leitura bíblica no Ofício Divino das Comunidades, levou-se em consideração o fato de que, no Brasil, a maior parte das comunidades não tem missa todos os dias e, portanto, não há oportunidade de se escutar as leituras da missa. Então, além da pequena série de leituras no próprio esquema do tempo comum, indica-se, no final do livro, para os Ofícios de cada tempo, as leituras da missa dos lecionários dominical e semanal.

A "meditação" depois da leitura é momento de partilhar os apelos que a Palavra de Deus fez surgir, explicitando melhor a relação entre a Bíblia e a vida... Não em forma de debate, mas como acolhida contemplativa da Palavra viva e atual de Deus para a comunidade. Por essa razão, fazem parte desse momento o silêncio, refrãos ou versos de um salmo à semelhança do salmo de resposta na missa, para criar um clima de contemplação e escuta. Se a leitura for do evangelho, será precedida por uma aclamação, que pode ser repetida depois da proclamação.

## 2.6 Cânticos evangélicos

Os cânticos de Zacarias e de Maria são louvor e ação de graças respectivamente. Cantados depois da leitura bíblica e meditação, expressam maximamente os louvores matutino e vespertino, pela redenção (cf IGLH, n. 50). Com o Cântico de Zacarias, no Ofício da manhã, ao brilho do sol nascente, bendizemos a Deus por Jesus Cristo, o sol do Oriente que vem iluminar os que estão nas trevas. O Cântico de Maria, no Ofício da tarde, é ação de graças pela manifestação de Deus em Jesus Cristo e pela vitória de todos os redimidos no dia que passou.

Por isso, ainda que no ODC esses cânticos apareçam como opcionais nos dias da semana, é vivamente recomendado que sejam cantados a cada dia.

O Cântico de Simeão, que se canta por tradição no Ofício da noite (completas), nos faz olhar para o dia que passou e reconhecer nele a salvação de Deus; no ODC esse cântico tem sido valorizado também no Ofício de vigília, por sua dimensão pascal, reforçada pela antífona: "Sentinela, em que ponto está a noite, sentinela, em que ponto está a noite? A luz surgirá nas trevas, e esta noite, resplandecerá como dia".

A incensação do altar durante esses cânticos nos Ofícios festivos sublinha o caráter oblato de "sacrifício de louvor" matutino e vespertino. Por Cristo, "oferecemos continuamente um sacrifício de louvor a Deus, fruto dos

---

<sup>4</sup> LUTZ, Gregório. *A oração dos salmos*. São Paulo, Paulus, 2986, p. 37. A oração sálmica tem a seguinte estrutura: uma invocação a Deus, memória partindo do próprio salmo, pedido de intercessão ("Por Cristo").

lábios que confessam o seu nome" (Hb 13,15). O sinal-da-cruz no início dos três cânticos assinala o paralelismo com o evangelho na missa, dando-lhes o devido destaque e aludindo ao lugar de onde são tirados.

## 2.7 Preces, pai-nosso, bênção e despedida

Nas preces louvamos e suplicamos a Deus, unindo-nos à ação de graças e à intercessão de Jesus, como povo sacerdotal, por toda a humanidade, para que venha o Reino de Deus em nosso mundo. É a resposta orante do nosso espírito, mergulhado no Espírito de Deus que vem em socorro de nossa fraqueza e ora em nós de acordo com a vontade de Deus (cf. Rm 8,26-27).

E o Espírito está atento ao mundo inteiro, por isso, em nossas preces pedimos que ele santifique e transforme toda a realidade humana e cósmica. Oramos seguindo a recomendação do apóstolo Paulo: "[...] que se façam pedidos, orações, súplicas e ação de graças, por todos [u.], pois isso é bom e agradável a Deus, que quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2,1-4).

Ocupam o primeiro lugar as preces universais: pelos ministros e ministras das Igrejas, pelos pobres, pelos doentes, pelos que estão tristes, pelas necessidades do mundo, pela paz... (cf. IGLH, n. 187). Mas há lugar ainda para as necessidades da comunidade local, das pessoas que estão reunidas. Portanto, além de participar das preces já formuladas no livro, é momento de a assembléia apresentar outras intenções, atenta ao que está acontecendo ao seu redor. A resposta cantada proporciona um clima orante ao conjunto das preces.

O pai-nosso, recitado ou cantado pela assembléia, pela sua importância e dignidade, deve aparecer como coroamento dos Ofícios da manhã e da tarde; mais ainda, naqueles casos em que os cânticos evangélicos são omitidos. Se em algum momento do dia, na bênção da mesa no almoço, por exemplo, o rezamos também, resgata-se o antigo costume de rezá-lo três vezes ao dia.<sup>5</sup>

Na bênção e despedida no final do Ofício, invoca-se a proteção e a força de Deus para que continuemos o "Ofício Divino" do nosso sacerdócio espiritual, ao longo do dia, no trabalho, na convivência, nos gestos de solidariedade, fazendo de toda a vida uma experiência pascal: "Sabemos que passamos da morte à vida se amamos os irmãos" (1Jo 3,14).

## 2.8 Música

A música no Ofício, assim como em toda a liturgia, constitui parte integrante da ação litúrgica (cf. SC, n. 112).

Sendo assim, não deve ser considerada enfeite externo, mas elemento que participa da sua própria natureza expressando a íntima união dos corações no louvor a Deus (cf. IGLH, n. 268).

No Ofício Divino das Comunidades, houve o cuidado quase rigoroso de valorizar o canto, buscando as expressões musicais religiosas e culturais do povo (cf. SC, n. 119). Podemos dizer que a música é um dos elementos que mais contribuem para fazer do Ofício Divino das Comunidades uma versão brasileira da Liturgia das Horas. São melodias, ritmos e sons quase sempre em consonância com o texto (aberturas, hinos, salmos, cânticos bíblicos, responsos...), de acordo com o sentido da hora, do tempo ou da festa. Trata-se de música "inculturada", apropriada ("música ritual") para expressar o sentido dos diversos ritos a serviço da participação da assembléia.<sup>6</sup>

Uma parte dos cantos, sobretudo os salmos, entrou no Ofício como composições novas; outra parte considerável foi recolhida do repertório musical produzido a partir da reforma do Concílio Vaticano II, resultado do esforço de compositores em busca de música ritual em ritmo e estilo brasileiros.<sup>7</sup> Há predominância da música nordestina devido ao fato de o Ofício Divino das Comunidades nascer no Nordeste e, num primeiro momento, beber do manancial da cultura nordestina. Contudo, é necessário que os compositores de regiões diversas façam outras composições, buscando na cultura local expressões adequadas para os diferentes textos, como já vem acontecendo com as aberturas.

Quanto aos instrumentos musicais, até o Vaticano II havia restrições sobre o tipo de instrumento adequado para a liturgia e se privilegiava o órgão. A constituição conciliar sobre a liturgia, no entanto, admite outros instrumentos (cf. SC, n. 120). Na experiência de Geraldo Leite,<sup>8</sup> em Ponte dos Carvalhos, o instrumento que ele

<sup>5</sup> Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia, história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo, Ave-Maria, 1998, p. 272.

<sup>6</sup> FONSECA, Joaquim. *O canto novo da nação do Divino*, São Paulo, Paulinas, 2000. PP. 48-49

<sup>7</sup> A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil vê como positivo que "diversos compositores partiram para uma criação mais genuína, aproveitando as riquezas da nossa música: as constantes melodias, harmônicas, formais e rítmicas da música folclórica e popular brasileira". Cf. CNBB, *pastoral da música litúrgica*. São Paulo, Paulinas, 1976. Doc. 7, n. 1.1.8.

<sup>8</sup> Geraldo Leite Bastos foi pároco fundador da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Ponte dos Carvalhos, Pernambuco (1962-1980). Lá, quase vinte anos antes da primeira edição do ODC, ele começou com a comunidade uma

valorizou foi o tambor, e em nossas comunidades é comum o uso do violão, dos instrumentos de percussão e, em alguns casos, da flauta e da gaita.

## 2.9 Gestos e atitudes

O Ofício Divino, como toda ação litúrgica, é ato simbólico feito não só com palavras, mas também com gestos, músicas, movimentos, símbolos; linguagem corporal da nossa adoração a Deus que se manifestou humano, em Jesus. No livro *Ofício Divino das Comunidades* não há muitas indicações e detalhes a respeito dos gestos, símbolos e ritos.

Entretanto, na prática foi se criando um estilo que valoriza a ritualidade. Em geral, adotam-se os seguintes gestos e atitudes: o sinal-da-cruz sobre os lábios ao cantar "Estes lábios meus vem abrir, Senhor"; o sinal-da-cruz sobre o corpo, no verso "Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar" e no início dos três cânticos evangélicos; o estar de pé durante a abertura, o hino, a proclamação do evangelho, o cântico evangélico, as preces, o pai-nosso e a oração conclusiva (IGLH, n. 263); o estar sentado na proclamação das leituras (exceto do evangelho), nos salmos e demais cânticos bíblicos com suas antifonas (IGLH, nn. 264-265) e, em certos casos, na recordação da vida. A Palavra é proclamada com todos os elementos que fazem parte de uma liturgia da Palavra: o bom desempenho de quem faz a leitura, o livro, o ambão, nos dias festivos o uso do incenso... Cuida-se do espaço, privilegiando o formato circular conforme a eclesiologia de comunhão, garantindo beleza e simplicidade, coerente com uma Igreja servidora do Reino.

Na vigília do domingo e nas demais solenidades, a abertura inclui o rito de acender velas e de oferecer incenso; no Advento, valoriza-se o acendimento progressivo das velas nos quatro domingos ou nos nove dias da novena do Natal; na Páscoa, destacam-se o círio pascal, flores, a pia batismal e o rito da aspersão; na Quaresma, a cruz, a cor roxa, "o vazio"... Durante o cântico evangélico, nos dias festivos, usa-se o incenso. Há ainda outros símbolos, ligados à cultura local e às lutas do povo: bandeira do Divino, símbolos ligados aos mártires e à luta pela terra, passos de dança...

Procura-se que a pessoa toda, corpo, mente e coração, se envolva na ação litúrgica, que a mente acompanhe o que faz o corpo, que o coração dê consentimento e adesão ao sentido da ação. Quanto mais difícil a realidade em que o povo vive, mais este tem necessidade de celebrações proféticas, profundamente relacionadas com a vida e, ao mesmo tempo, orantes e afetuosas, envolventes e capazes de nos qualificar para toda boa obra.

## 2.10 Ministérios

Quem celebra o Ofício é toda a comunidade, povo sacerdotal, corpo de Cristo animado pelo Espírito, em igualdade de condição, mas organizado, com diversidade de funções (cf SC, nn. 26 e 29). Por menor que seja uma assembléia, não pode prescindir de pessoas que realizem os serviços de coordenar, de proclamar as leituras, de animar o canto... São carismas e ministérios que brotam da participação do sacerdócio de Cristo pelo batismo, suscitados pelo Espírito a serviço do sacerdócio de todos os batizados.

No Ofício Divino das Comunidades, os ministérios são exercidos, quase sempre, por pessoas do povo, especialmente mulheres que atuam como coordenadoras e como "introdutoras" do Ofício nas comunidades, nas assembléias pastorais e nos diversos espaços de oração.

Quem coordena canta a abertura; indica, quando necessário, as páginas do livro; convida a comunidade a compartilhar os acontecimentos na recordação da vida, a fazer as preces, a rezar o pai-nosso; pronuncia a oração, a bênção e a despedida.

O cantor ou a cantora anima todos os elementos cantados do Ofício, menos a abertura, que pertence a quem preside. Os leitores proclamam as leituras. Há ainda os que cuidam do espaço, os que acendem as velas, os que preparam o fogo para o incenso...

---

experiência de oração diária, manhã e tarde, a que deu o nome de Ofício Divino. Quando, em 1987, se iniciou o processo de elaboração do livro *Ofício Divino das Comunidades*, Pe. Geraldo não participou por motivo de saúde, mas a sua experiência e recomendações deixadas por escrito foram decisivas para dar forma ao ODC. Cf. BASTOS, Geraldo Leite. *Revista de Liturgia*, n. 86, p. 56, jul/ago, 1986.